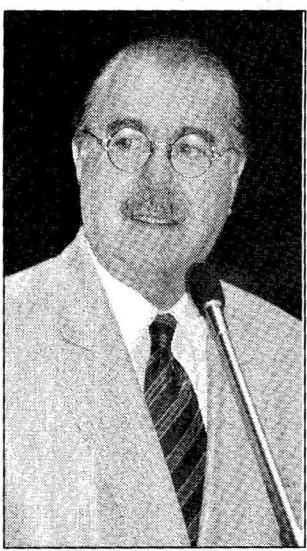




ACM:
Pivô da
tempestade



Sarney
apóia
Barbalho



Como
Amin entra
na história



Iris: teria chegado a vez?



Simon:
posição
apaixonada

23 JUL 1990

23 JUL 1990

CONSPIRAÇÃO

CONTRA A CANDIDATURA DE ACM

NENHUM político bem informado ignora que se arma uma tempestade no Senado. A perspectiva é de disputa pela presidência da Casa, quebrando-se uma tradição que remonta a fevereiro de 1963, quando o senador Auro de Moura Andrade reelegeu-se na presidência, derrotando em plenário o presidente João Goulart e os senadores Filinto Müller, Jefferson Aguiar e Vitorino Freire.

Auro ficaria oito anos consecutivos na presidência do Senado, feito que ninguém pode repetir, pois a Constituição proíbe reeleição. Novamente agora articulam-se interesses conflitantes. O senador Antônio Carlos Magalhães lançou-se candidato a presidente, causando grande impacto no PFL, onde já se articulava a candidatura do líder do Governo no Senado, Elcio Álvares, em bloco que incluiria, ainda, o PSDB, PTB e PPB. Elcio tem excelente trânsito no Senado.

Quando lançou-se candidato, muitos achavam que ACM marchava para uma coroação certa. A essa altura, o próprio ACM, que é um político de grande experiência, já está advertido de que seu caminho não é tão florido quanto pensava. Há muitos espinhos pela frente. Em primeiro lugar, Elcio não se lançaria candidato de si mesmo. Claro que conta com o caliente, mas tortuoso apoio do presidente Fernando Henrique Cardoso. Em segundo lugar, há discretíssimas, mas fortes resistências à candidatura de Antônio Carlos, que assusta amplos setores da Casa. A candidatura de Elcio está sendo articulada por senadores que constituem a maioria silenciosa. Embora estimule Elcio, o presidente Fernando Henrique Cardoso sabe que não pode interferir nessa disputa, sob pena de colocar em risco a aprovação da emenda da reeleição. É um jogo complicado.

Jogador profissional, em política, Antônio Carlos tem consciência de que seu principal instrumento de barganha é a emenda da reeleição, por cuja aprovação o Presidente promete se empenhar. O que se diz, contudo, na cúpula do PSDB, é que não interessa a Fernando Henrique ter os Magalhães em posições estratégicas: pai e filho. O Presidente já decidiu reservar para o deputado Luís Eduardo Magalhães lugar de relevo no Ministério, com a incumbência de comandar a articulação política. Se ACM chegar à presidência do Senado, diz-se no PSDB, ficará em posição de barganha para manter o Governo sob sua dependência. Não é do estilo do presidente Fernando Henrique Cardoso bater de frente, sobretudo quando o obstáculo é duro como ACM. Mas, já não pode haver dúvida de que FHC está estimulando a candidatura de Elcio.



O senador capixaba tem excelente ambiente no Senado. Seu estilo, que chega a ser humilde, agrada aos senadores da bancada silenciosa. Porém, Elcio sabe que não pode comprometer o Governo na disputa. Sabe que existe a polêmica emenda da reeleição e muitas matérias importantes a serem votadas, entre as quais a reforma da Previdência (no Senado) e as reformas administrativa e tributária na Câmara. Por isso mesmo, já examina a hipótese de se licenciar da liderança do Governo, dessembrando-se para disputar a presidência do Senado. No voto secreto, em plenário, poucos no Senado duvidam que Elcio tem todas as chances de vencer Antônio Carlos Magalhães. Porém ainda existe uma carta preliminar, que é a luta pela presidência da Câmara. É preciso que um deputado do PMDB chegue à presidência da Câmara para que um senador do PFL tenha o direito de reclamar a presidência do Senado.

Antônio Carlos articulou a transferência do senador Gilberto Miranda do PMDB para o PFL, provocando uma grande reação neste partido e em outros setores da Casa. Fala-se que deverá tirar mais dois senadores do PMDB: Ernânes Amorim e João Rocha. O projeto de Elcio Álvares inclui a formação de um bloco - além do PFL, PSDB, PPB e PTB. Já existem dúvidas quanto ao PPB. ACM está se entendendo com Paulo Maluf e atraiu o senador Esperidião Amin para o seu lado. No momento, a perspectiva é de disputa entre ACM e Elcio, a menos que razão de Estado retire a candidatura do líder do Governo. Só quem pode fazer isso é Fernando Henrique Cardoso, dependendo do desfecho da luta pela presidência da Câmara. Fernando Henrique poderá intervir para definir uma fórmula

de disputa da presidência do Senado entre os seus aliados. Há quem duvide disso.

O que complica mais ainda esse panorama pouco claro é a disposição da bancada do PMDB de lutar para se manter como partido majoritário e, nessa condição, indicar o futuro presidente da Casa. Os senadores Jader Barbalho e Íris Rezende são os candidatos. Jader já andou dizendo que ninguém o fará de moleque. Jader Barbalho, que é líder da bancada, conta com o apoio do presidente do Senado, José Sarney, mas sofre fortes restrições do Governo. Nos bastidores, senadores governistas dizem que, se Jader chegar a ser candidato, a imprensa seria estimulada a divulgar dossiês contra ele. O senador Pedro Simon adotou posição apaixonada: acha que o PMDB não poderá deixar de ter candidato a presidente. Simon se articula no Senado contra a candidatura de Antônio Carlos, de quem é notório adversário. O senador gaúcho tem fortes simpatias por Elcio.

A candidatura de Antônio Carlos é fortíssima. Assim mesmo, ele enfrenta problemas também com a cúpula do PFL. Quando ACM estava promovendo a transferência de Gilberto Miranda do PMDB para o PFL, Jorge Bornhausen, o presidente licenciado do partido, promoveu um jantar para censurar a adesão de Miranda, julgando que ele tem um perfil incompatível com o partido. Antônio Carlos reagiu no velho estilo: subestimou a reação de Bornhausen, afirmando que jantar que não contava com a sua presença não tinha importância. Deixou o presidente do PFL em posição vexatória. Bornhausen não acusou o golpe. Preferiu o silêncio. Ligadíssimo ao vice-presidente Marco Maciel, preferiu não entrar em curso de colisão com ACM.

Elcio, que sempre foi encarado com reserva pela cúpula do PFL, pode se beneficiar desse conflito.

No Governo Collor, Jorge Bornhausen foi Secretário-Geral da Presidência e articulador político do Governo. Elcio Álvares era mantido à distância. Sua amizade pessoal com o senador Esperidião Amin afastou-o definitivamente de Bornhausen e da cúpula do PFL. Elcio engajou-se no "impeachment" de Collor e deu a volta por cima. Acabou Ministro da Indústria e Comércio de Itamar Franco, sob as graças do senador Pedro Simon, que era o líder do Governo.

A bipolarização, em política, costuma produzir a figura do "tertius". Este fruto híbrido da luta pelo poder entre os homens já ficou conhecido ao longo da história. No Vaticano, quando dois fortes cardeais disputam o papado, a fumacinha sempre anuncia uma escolha surpreendente. No regime militar, o General Médici foi escolhido para contornar a disputa do General Afonso Albuquerque Lima com a cúpula do Exército. A bipolarização entre ACM e Elcio poderia favorecer a escolha de outro senador, como o líder do PFL, Hugo Napoleão, que não tem atrito na Casa e é amigo de ACM.

Já não há dúvida que haverá disputa em plenário pela presidência do Senado. A menos que o presidente Fernando Henrique Cardoso resolva intervir para pacificar os seus dispersos aliados. Poucos acreditam que Fernando Henrique venha a intervir, assumindo tanto risco. Seria de seu interesse apreciar a disputa de longe, embora nunca um presidente tenha deixado de ter candidatos nas disputas pelas presidências da Câmara e do Senado.

A briga na Câmara

Numa manobra bem articulada, o deputado Michel Temer, líder do PMDB na Câmara, conseguiu antecipar para o dia 27 de novembro a reunião da Bancada que escolherá o candidato a presidente da Câmara. Com isso, aplicou um golpe em dois concorrentes - os deputados Luiz Carlos Santos, que queria a reunião em janeiro, a fim de ter tempo para trabalhar seus companheiros, e o presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade, que se lançou candidato ao cargo em plenário, não na bancada. Tradicionalmente, a bancada do PMDB sempre se reuniu horas antes das eleições para renovação da Mesa da Câmara - as quais se realizam no dia 2 de fevereiro.

Assim mesmo, Paes de Andrade mantém-se intransigente na decisão de disputar a presidência da Câmara no plenário. Com mais de 30 anos de Câmara, o deputado cearense alimenta a esperança de atrair votos do PPB de Paulo Maluf e dos partidos de esquerda. Animado com o lançamento de Paes, o líder do PFL, deputado Inocêncio Oliveira, lançou-se candidato. O PFL, segundo seu presidente, deputado José Jorge, não cumprirá o acordo com o PMDB, se este partido tiver mais de um candidato. É o que Inocêncio mais quer.

Como se não bastasse tudo isso, há a candidatura do deputado Wilson Campos, à revelia de seu partido, o PSDB. Wilson se apresenta como o candidato que promete resolver os problemas financeiros dos deputados. Tem excelente ambiente na Casa e corteja os deputados com amabilidades e lembranças. Reelegeu-se primeiro-secretário da Câmara, derrotando, em plenário, a candidatura do deputado Aécio Neves, neto de Tancredo e apoiado pelo PSDB e pelo Governo. Muitos consideram Wilson Campos um candidato perigoso.

TARCÍSIO HOLANDA